

Florianópolis, v. 22 n. 1, mar./out. 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) PEDAGOGIA  
NÚCLEO EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (ERER)



## EDITORIAL

**Prof. Dr. Jéferson Silveira Dantas**

Tutor PET/ Pedagogia/ UFSC

Apresentamos a 22ª edição do informativo *Abiodum* do PET/Pedagogia/UFSC tratando de uma temática central/fundamental, qual seja, a luta da classe trabalhadora no Brasil por melhores condições de vida. Todavia, tal problematização requer uma análise mais profunda, pois num país de passado escravocrata como o nosso, tais discussões epistêmicas possuem recortes de classe, raça, etnia e gênero. Foi a partir da perspectiva histórica que as/os bolsistas do PET/Pedagogia desenvolveram as seções temáticas do informativo que você tem em mãos.

Tratar da luta da classe trabalhadora e da luta dos negros e negras deste país, significa recuarmos no tempo para investigarmos os seus nexos históricos, muitas vezes invisibilizados por uma perspectiva historiográfica tradicional, eurocêntrica e encharcada de estereótipos. Daí, a necessidade de nos apoiarmos nos estudos decoloniais para compreendermos a trajetória militante de pessoas como Laudelina de Campos Melo, mulher negra comunista, que fundou a primeira associação de trabalhadoras domésticas no Brasil, num período histórico marcado pela ditadura do Estado Novo (1937-1945). Além disso, se discute aqui a resistência dos povos africanos e afrodescendentes na Bahia antes da abolição oficial da escravidão pela Monarquia (Revolta dos Ganhadores, em 1857), denotando que sempre houve resistência/luta da população negra e, porque não dizer, uma projeção dos primeiros movimentos paradiastas por melhores condições de existência e trabalho numa conjuntura de enorme cerceamento/violência dos/as escravizados/as.

Por fim, o grupo PET/Pedagogia realizou uma entrevista com dois professores do Centro de Ciências da Educação da UFSC sobre a greve realizada pelos/as docentes e TAEs (Técnicos Administrativos em Educação) das Instituições Federais do Ensino Superior (IFES) no primeiro semestre de 2024, onde se destaca uma análise conjuntural da greve e impasses em relação à representação da classe (sindicato). Além disso, o informativo tem poemas, dicas de filmes e livros, apresentados de forma criativa e descontraída pelas/os nossas/os bolsistas.

Tenham uma ótima leitura e boas reflexões teóricas! E, já fazendo um *spoiler*, teremos uma edição especial do *Abiodum* ainda este ano sobre as implicações políticas e pedagógicas das escolas cívico-militares nas unidades de ensino públicas. Aguardem e confirmam!

### EXPEDIENTE

**Conselho editorial:** Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etevlino Guila (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique), Jéferson Silveira Dantas (UFSC), Joana Célia dos Passos (UFSC), Jeane Vanessa Santos Silva (UFSC), Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/AENSC), Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR).

**Coordenação:** Lucas Daeni.

**Colaboradores(as) da edição:** Adriana D'Agostini, Bruna Vitória de Souza, Cristiane Fernandes Costa, Cristina Vieira Levandovski, Jéferson Silveira Dantas, Luana Souza, Lucas Daeni, Manuely Amaral de Souza, Mauro Titton, Paloma Ariely de Paula Santos Dias, Sônia Vinhote e Tilara Lopes.

**Trabalho técnico:** Lucas Daeni e Jéferson Silveira Dantas (Revisão); Andrei Cavalheiro (Diagramação).

**Endereço:** Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900.

LEIA TAMBÉM AS  
EDIÇÕES ANTERIORES:

<https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/abiodum/>



## PORTA-POEMA

Ô, cuê...  
Ganhadô  
Ganha dinheiro  
Pr'a seu Sinhô.

### Cantos dos ganhadores baianos

Mesmo na noite mais triste  
Em tempo de servidão  
Há sempre alguém que resiste  
Há sempre alguém que diz não.

### Miguel Alegre

## SEM LUTA, SEM EVOLUÇÃO

Ai dá gente se não tivesse,  
Existido a primeira greve  
Se não tivesse existido quem se atreve

Quem não se mexe,  
Corre risco de não sair do lugar  
Não conseguir andar  
Como se as correntes imaginárias  
Te prendessem nesse lugar

Um lugar  
Sem direito  
Sem respeito  
Te tratando feito sujeito  
Sem alma e coração

Te dando migalhas quando poderia te dar  
um pão  
Ou estender sua mão  
te dar uma mesa farta  
mas para o Estado só servimos  
para o trabalho e mais nada!

Não iluda!  
Sem luta  
Não há revolução, nem evolução  
Sem luta, andaremos na contramão  
e o Estado passando a mão  
Na sua vida, na sua rotina  
Em forma de alienação.

### Luana Souza

"E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus." (Romanos, 12:2)



BESE SAKA

## HOMENAGEM

### Manuely Amaral de Souza

Bolsista PET Pedagogia/ UFSC

Imagem: Laudelina de Campos Melo



Fonte: Sintrajufe (2023).

Nesta edição do *Abiodum* homenageamos Laudelina de Campos Melo, mulher negra, militante comunista e fundadora da primeira associação de empregadas domésticas do Brasil. Sua vida e trabalho são um testemunho de resistência, coragem e dedicação incansável. Nascida em Poços de Caldas (MG), no dia 12 de outubro de 1904, menos de vinte anos depois da abolição da escravatura no país, em 1888. Aos sete anos começou a trabalhar como doméstica e, neste momento, nasce sua indignação com o cotidiano marcado pelos abusos, exploração, más condições do mercado de trabalho e racismo a que eram submetidas as mulheres negras. Com 16 anos, foi eleita presidente do Clube 13 de Maio, que promovia atividades recreativas para a população negra de sua cidade. Aos 18 anos, em 1922, Laudelina mudou-se para São Paulo, onde se casou, mudando-se para Santos em 1924. Sua trajetória ganhou contornos políticos na década de 1930, quando se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), militou pela Frente Negra Brasileira (FNB) e formou a primeira Associação de Trabalhadoras Domésticas do país, que inspirou o surgimento de várias outras

entidades da categoria. Mas essas e tantas outras entidades acabaram sendo perseguidas e fechadas durante a ditadura de Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), após ler o livro de Hitler, *Mein Kampf* (Minha Luta), Laudelina alistou-se como voluntária da brigada militar santista, buscando lutar contra o nazifacismo; ajudou a denunciar e prender um espião alemão em Santos. Na década de 1950, já residindo em Campinas (SP), Laudelina continuou a batalhar pela conquista de espaços político-culturais para os negros e negras, assim como pelos direitos das empregadas e dos empregados domésticos. Alguns marcos dessa luta são a campanha contra-anúncios discriminatórios para contratar empregadas domésticas, a realização do Baile Pérola Negra, para debutantes negras, no Teatro Municipal de Campinas, e a criação da Escola de Bailados Santa Efigênia e da Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas de Campinas. A associação encerrou suas atividades em 1968 por conta da Ditadura Militar, mas foi reconstituída em 1982, tornando-se sindicato seis anos depois, em 1988, com a promulgação da nova Constituição. Laudelina de Campos Melo faleceu em 22 de maio de 1991, aos 86 anos de idade, em Campinas, mas seu legado continua vivo.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que unificou em 1943 as leis trabalhistas existentes até então, não trouxe

benefícios para as trabalhadoras domésticas, coisa que só foi acontecer em 2013. Faz somente 11 anos que as empregadas domésticas possuem direito a benefícios semelhantes aos de outras categorias profissionais, como jornada de trabalho de 44 horas semanais com limite de oito horas diárias e o pagamento de hora-extra, e sem dúvida essa conquista só foi possível com toda a luta travada por Laudelina. Em junho de 2023 foi sancionado o Projeto de Lei (PL) 1.795/2021 que inscreve o nome de Laudelina de Campos Melo no livro dos Heróis e Heroínas da pátria, livro que se destina ao registro perpétuo do nome dos brasileiros e brasileiras que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo. Hoje, celebramos Laudelina, celebramos sua coragem, sua determinação e seu compromisso. Uma mulher que estava à frente do seu tempo, que foi, e é, uma figura muito importante na luta das mulheres negras e das empregadas domésticas. Viva a memória e a luta de Laudelina!

## REFERÊNCIAS

SINTRAJUFE. Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União, 2023. Disponível em: <https://sintrajufe.org.br/nome-de-laudelina-de-campos-melo-lutadora-pelos-direitos-de-trabalhadores-e-trabalhadoras-domesticas-e-inscrito-no-livro-de-herois-e-heroínas-da-patria/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

## ESCRITAS INSURGENTES

**Cristiane Fernandes Costa**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

### **A greve e seu importante papel na trajetória do Brasil**

O movimento negro e as lutas são partes essenciais de um processo histórico de longa data, marcado pelas relações desiguais de poder desencadeadas por eventos ocorridos após o século XVI e as consequências do colonialismo. Dessa forma simplificamos a

base dos estudos pós-coloniais e especialmente decoloniais, em que as discussões são necessariamente marcadas pelas disputas raciais. As greves não são pontos fora da curva, mas sim elementos que a constituem.

Em um país como o Brasil, marcado por um forte processo de colonização, com um sistema de produção baseado no trabalho escravo, sendo esse indígena ou africano, as relações de trabalho nesse contexto são necessariamente marcadas por conflitos entre

classes e grupos, sejam entre escravos e senhores, colonizados e colonizadores.

Ao longo do século XIX, passaram a ser conflitos dados o contexto da escravidão urbana e os escravos de ganho, que essencialmente passam a ser os indivíduos responsáveis pelos primeiros movimentos de “greve”, ou como era usado o termo no período, as “paredes”.

Juntamente com a figura dos escravos de ganho, o elemento normalmente associado ao surgimento das greves nacionais, não são necessariamente os negros e mestiços em contexto urbano, mas sim os imigrantes europeus vindos como parte da política de branqueamento da população e para o trabalho de operário. Ou seja, não é o negro que é dado como primeiro “grevista”, mas sim a figura do imigrante, que seria ligado a ideias de revoluções vindas da Europa..

É importante ser destacado que é ilusória essa ideia de “imigrantes revolucionários”, onde em suma, boa parte desses indivíduos imigrantes vinham de regiões rurais e normalmente eram pessoas pobres, e não estavam ligados a movimentos políticos ou partidários. Assim, aqueles imigrantes no Brasil eram trabalhadores que aceitavam trabalhos em condições desfavoráveis, baixos salários e não possuíam histórico de lutas.

Segundo Luigi Negro e Flávio dos Santos Gomes:

Fica claro assim que nem só de italianos viveram as primeiras lutas operárias do Brasil. Os negros vieram, antes de mais nada, para trabalhar e podiam possuir ou adquirir ofício. Eram vitais em seu local de trabalho, no campo ou na cidade. Sua rebeldia, igualmente, era crucial para mobilizações e protestos da classe trabalhadora. Além das manifestações culturais pelas quais são conhecidos (como a arte e a religiosidade), os trabalhadores negros e seus descendentes protagonizaram experiências de greve que, felizmente, são cada vez mais reveladas pela pesquisa histórica. (Negro e Gomes, 2016, p. 7).

Problematizamos isso olhando o histórico de movimentos “grevistas” que acontecem ao longo do século XIX, onde se destacam uma série de revoltas de trabalhadores negros em regiões como Salvador e a Revolta dos Ganhadores, em 1857, que de forma pacífica

deixou desestabilizada a cidade pela falta de serviços como transporte, carregadores, encomendas realizados por essa população, durante 10 dias (Reis, 2019).

Ainda, desde 1820, outros movimentos menores, ou com menos informações disponíveis, foram protagonizados por esses grupos, que construíram ao longo dos anos uma identidade grupal, pautada nas relações de trabalho e, conseqüentemente, vinculada às relações étnico-raciais.

Dado o contexto da escravidão no país, as reivindicações e motivos para as revoltas populares eram, no mínimo, vantajadas, havendo grandes quantidades de escravos reunidos ao longo do território, executando funções essenciais e que exigiam certo compromisso de ambas as partes para manter a estabilidade da produção. Como exemplo, a própria estrutura de formação de quilombos, mostra a capacidade de organização comunitária dos negros escravizados. Nesse sentido, podemos destacar uma série de movimentos que caracterizam-se por semelhanças com os movimentos grevistas posteriores.

Um desses movimentos, e talvez o mais demonstrativo, é o conflituoso momento político de 1857 na Bahia com a greve dos carregadores citado anteriormente, que nos permite analisar a capacidade de organização e negociação dos escravizados, mesmo tendo em vista as relações desiguais de poder no contexto colonial, assim como uma preocupação que estava presente entre as elites locais com uma possível revolução semelhante ao que ocorre no Haiti em 1804.

Em seguida, podemos destacar também, outras paralisações regionalizadas assim como no final de 1820, onde “[...] cativos, africanos livres e outros trabalhadores pararam a Fábrica de Pólvora Ipanema, controlada pela monarquia. Reivindicavam melhorias nas condições de trabalho, incluindo diárias e dieta alimentar” (Negro e Gomes, 2016, p. 4).

Em 1854, mostra-se, em especial, o episódio testemunhado pelo proprietário de uma fábrica de sabão e velas, no Rio de Janeiro, Joaquim da Rocha Paiva, a quem escravos “armados” reivindicaram sua imediata venda a outro senhor. Não pediam liberdade ou direitos, mas sim o distanciamento daquele senhor e da fábrica

em que trabalhavam. Foram de fato vítimas de uma forte repressão policial, onde não se opuseram em sua “parede” ou paralisação, considerando que sua prisão poderia ser um meio de deslocamento. (Negro e Gomes, 2016).

No fim da década de 50 do século XIX, trabalhadores escravizados de um armazém em uma zona urbana, também pararam suas atividades, reivindicando sua permanência no local, visto a iminente possibilidade de serem vendidos, devido a dificuldades financeiras pelas quais passava Manuel Ferreira Guimarães, seu senhor. A venda dos escravizados, já inseridos em atividades urbanas, poderia significar a possibilidade de serem deslocados para cafezais na zona rural e a separação de grupos familiares que conviviam naquele contexto. (Negro e Gomes, 2016).

Os exemplos acima fazem parte de uma série de embates e conflitos no interior da sociedade escravista colonial no Brasil e são parte de uma série de relações complexas entre senhores, escravos e até mesmo o Estado, seja ele representado pela polícia, ou câmaras municipais, como no caso de Salvador em 1857 destacado em “Ganhadores” de João José Reis.

Esses movimentos de paralisações e fugas, são formas próprias de agência de negociação dos escravizados, no século XIX, em especial, fruto da escravidão urbana, ao “Ganho”, que expande a rede de relações entre os envolvidos, estabelecendo novas práticas e dependências mútuas, utilizadas para a conquista de benefícios por parte dos escravizados e a manutenção dos domínios senhoriais, no interior de relações amplamente desiguais, fundamentalmente assimétricas. Esse aspecto também é mostrado em outro importante livro de João José Reis, chamado “Negociação e conflito” publicado 1989, como um dos principais expoentes da “Historia Social da Escravidão”.

Apesar da relevância das paralisações de escravizados para o tema, por muito tempo esses eventos foram vistos como secundarizados, e estiveram sob a sombra dos ideais revolucionários importados com os imigrantes europeus, vindos para as terras coloniais num movimento de “desafricanização” e “branqueamento” da população dos estados. Assim, reconheceu-se

como primeiras paralisações trabalhistas ou grevistas aquelas do início do século XX, protagonizadas por imigrantes, como a greve geral de 1917 ou a grande greve de trabalhadores rurais em Pernambuco em 1919.

Em suma, devemos destacar a importância das greves enquanto espaço de agência no interior das sociedades, para os grupos subalternizados, sejam eles negros escravizados em áreas urbanas, enquanto escravos e escravas “de ganho”, que desde o início do século XIX realizaram movimentos de paralisação, mostrando atender suas reivindicações, sejam elas revolucionárias, ou simplesmente destacando a manutenção de pequenos benefícios. O mesmo valor pode ser atribuído sim aos movimentos grevistas de trabalhadores livres pós escravidão, defendendo interesses da classe explorada, como em 1917 e 1919, ou mesmo podemos atentar às reivindicações contemporâneas dos demais grupos sociais, como as greves estudantis no período da ditadura militar e mesmo reivindicações recentes por uma educação pública de qualidade.

## REFERÊNCIAS

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio dos Santos. As greves escravas, entre silêncios e esquecimentos. Outras Palavras, 2016. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/entre-silencios-e-esquecimentos-as-greves-dos-trabalhadores-negros/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

# GREVE NO BRASIL: UM LEGADO NEGRO

**Lucas Daeni**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

Na sala mais alta e panorâmica do prédio do Centro de Ciências da Educação, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, onde o sol invadia sem cerimônia cada canto, já que as janelas são enormes e não temos cortinas, o grupo discutia acalorado e incrédulo a história das greves no Brasil até que nos demos conta: fomos enganados! Veja bem: greves não são paralisações das atividades dos trabalhadores quando estes querem exigir algum direito? Exato. Nessa mesma linha, num Brasil fundado e construído sobre o trabalho escravo, quem eram os trabalhadores e trabalhadoras? Exatamente, a população negra, africana e afrodescendente. Sendo assim, por que é que nunca ouvimos falar de greves negras por melhores condições de trabalho? Por acaso nossos ancestrais cor de ébano e caramelo não tinham reivindicações a fazerem a quem lhes oprimia e explorava o trabalho? Estavam conformados com sua situação ou “só” sabiam resistir fugindo e aquilombando-se, suicidando-se ou desobedecendo individualmente? Perguntamos-nos: por que é que não temos nenhuma das respostas?

Garimpando em grupo, não demorou que encontrássemos pistas. E no rastro da História e das lutas por melhores condições de vida e trabalho, descobrimos onde e quando. Quer saber também? Então vem comigo, “istepô”, e trás água, fôlego, “um cafézim” e umas bolachas que é longe...

Chegamos. 1857, a Bahia ferve com seus 30 graus cotidianos.

- Oi, Dona Maria, como vai a senhora?

- Vou bem, minha comadre Dita, graças ao bom Deus e Nossa “Sinhora”.

Passando pela rua de terra batida, em frente às casinhas coloridas e geminadas de estilo colonial português, foi o que deu tempo das sinhás dizerem uma à outra antes que se afastassem mais em suas trajetórias contrárias, sentadas em suas belas cadeirinhas de arruar que eram solenemente carregadas morro acima por quatro ombros negros de homens africanos: Luiz Augusto, de 28 anos, Jacob Ojé, de 22, Aleixo Sanches, de 25 e Antonio João de Bastos,

com 30, todos negros de ganho, carregadores de cadeira. Sim, esse era o táxi, ou o Uber, dos brancos abastados no século XIX na Bahia. Estes trabalhadores negros “eram os responsáveis pela circulação de coisas e pessoas pela cidade. Carregavam de tudo: pacotes grandes e pequenos, do envelope de carta aos grandes sacos de açúcar, tinas de água e fezes, tonéis de aguardente e gente em cadeiras de arruar.” (Reis, 1993, p. 8). Eram a alma da cidade, nada se movia sem eles. O respirar dos negros e negras, ganhadores e ganhadeiras, fazia a cidade pulsar, viver, funcionar. Como observou o viajante alemão Robert Avé-Lallemant em 1858, “tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro” (Reis, 1993, p. 8).

Imagem: ganhadores carregadores de cadeira em serviço



Fonte: Facebook (2019).

Imagem: cadeira de arruar utilizada para transportar brancos



Fonte: Instituto Búzios (2021).

Este era o cenário e a vida urbana dos africanos escravizados e libertos,

principalmente os nagôs, em 1857 na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. E foram eles - e não os imigrantes italianos - os trabalhadores a realizarem a primeira greve do Brasil!

Esses trabalhadores, conhecidos como ganhadores, caminhavam por toda a cidade oferecendo seus serviços; podiam morar fora da casa dos senhores, mas lhes deviam o pagamento da “semana” - uma parte do que ganhavam com seus serviços semanais ou diários. Mas alto lá, temos aí um problema: negros caminhando livremente pela cidade? Sem serem vigiados? Estabelecendo relações, redes e trocas as mais variadas possíveis? Tal era o grande medo da elite brasileira, da população branca como um todo. E não é pra menos. Já imaginou você tentando acorrentar leões e leões livres? E pior, estando no meio da savana? Pois bem... uma hora a corrente se rompe e você é engolido pela natureza implacável. O fato é que esse momento histórico, de meados do século XIX, rendeu inclusive um livro contundente: *Onda Negra, Medo Branco: o Negro no Imaginário das Elites no Século XIX*, de Celia Maria Marinho de Azevedo, que vai retratar esse estado de alerta e de necessidade de controle dos corpos negros escravizados e livres para tentar impedir que acontecesse aqui o mesmo que no Haiti: onde uma revolução avassaladora de libertação extinguiu a escravidão, devolvendo a violência aos seus produtores originais e, assim, assassinando milhares de brancos escravagistas e incendiando um sem número de plantações. Fazendo do Haiti o primeiro país a se libertar da escravidão, proclamando sua independência da - libertária, igualitária e fraterna - França escravagista em 1º de janeiro de 1804.

E como notícia boa corre, o haitianismo, como a sombra de um tsunami negro de libertação, assombrava a elite branca local que temia, com razão, o mesmo fim. Note-se que, precisamente na Bahia, em 1835, um grande levante organizado de negros escravizados, africanos sobretudo - “os negros temidos eram principalmente estes.” (Reis, 1993, p. 9) - marcou época também, entrando pra história como a Revolta dos Malês. Tudo isso indicou à elite que era preciso controlar o corpo negro na cidade, era necessário, para o seu bem-estar e continuidade da escravidão e dos privilégios que ela trazia, que esse ímpeto de liberdade

fosse contido. E não apenas na Bahia, mas em todo o país onde a mão de obra escravizada era utilizada. Aqui em Florianópolis também, quando ainda se chamava Desterro, é possível identificar essa realidade:

Em Desterro, a posição das autoridades se alinhava com o ideal de civilização que se tentava impor nas principais cidades do Império, principalmente após 1835. Por meio das leis implantadas nesse período, podemos perceber toda a tensão e a preocupação com o controle da população cativa e liberta, principalmente de africanos, pelas ruas da capital. (Mamigonian e Vidal, 2021, p. 118).

Não é por acaso que a Polícia Militar de Santa Catarina tenha sido criada exatamente em 1835...

Mas voltando à Bahia - côzaboa -, “disciplinar o trabalho africano, sobretudo na cidade, era tarefa ingrata.” (Reis, 1993, p. 9). Digo africano porque a grande maioria dos ganhadores em Salvador eram africanos, de origem nagô. Note-se que “esses trabalhadores de rua podiam ser, que fique logo claro, tanto escravizados como libertos (ex-escravos) e livres, quase sempre negros, no entanto, e durante um longo período, africanos natos na sua imensa maioria.” (Reis, 2019, p. 15-16). E o trabalho que realizavam era digno de Atlas, eles carregavam literalmente o mundo nas costas:

Era trabalho duro, estafante, trabalho de negro como se dizia, pois branco não o fazia, e mesmo o negro nascido no Brasil, então chamado ‘crioulo’, parecia recusar. Na lista de 1849, em Santana, havia cerca de 240 escravos crioulos adultos, nenhum listado como carregador de cadeira, apenas 11 como ganhadores, desconfio que ganhadores de cesto e tina. Entre os 43 pardos e cabras, nenhum ganhador. (Reis, 1993, p. 12).

Imagem: Ganhadores em serviço



Fonte: Primeiros Negros (2020).

E como africanos, esses ganhadores tinham sua própria organização do trabalho, os cantos:

[...] como se chamavam os grupos, etnicamente delimitados, que se reuniam para oferecer seus serviços em locais também delimitados da geografia urbana. A inspiração pode ter sido os grupos de trabalho voluntários, comuns na África Ocidental, conhecidos como *aro* entre os iorubás. (Reis, 1993, p. 13).

Via de regra, o canto ocupava as esquinas, “[...] lugar estratégico na cultura de rua de um modo geral porque espaço de confluência, de reunião. [...] A esquina facilitava o negócio, por facilitar acesso de clientes de diferentes direções, além da referência fácil.” (Reis, 1993, p. 13). Além disso, cada canto era chefiado por um capitão-do-canto, “[...] cuja função incluía contratar serviços com clientes, designar tarefas, receber e dividir a fêria, mediar conflitos porventura surgidos entre ganhadores” (Reis, 1993, p. 14) etc. Importante é reconhecer aqui a autonomia, o caráter coletivo, de solidariedade étnica e pertencimento na organização do trabalho.

Para o ganhador, o importante aspecto territorial do canto reforçava sentidos mais profundos de pertencimento. Nele muitos meios de vida se encontravam. Além de carregadores que iam e vinham, ficavam ali negros de ofício, que consertavam sapatos e guarda-chuvas, trançavam cestos, chapéus e esteiras, faziam colares e pulseiras de contas, talvez carregadores mais velhos agora dedicados a atividades mais amenas. Havia os barbeiros, que também usavam suas afiadas navalhas na flebotomia - a arte de curar sangrando - ou ensaiavam algum instrumento musical, para tocarem nas famosas bandas de barbeiros daqueles tempos. Alguns ganhadores recuperavam forças ali mesmo: “os que dormiam geralmente tinham uma sentinela pronta para acordá-los quando chamados para serviços”, viu Daniel Kidder no final da década de 1830. Enquanto aguardavam fregueses, candomblezeiros esculpiam representações de suas divindades, os que eram malês costuravam roupas e barretes muçulmanos, aprendiam com seus mestres a ler e escrever a língua do *Alcorão*, rezavam preces de sua fé. E lá também iam as vendedoras de mingau, aberém, acaçá, caruru, vatapá e outras delícias. E conversavam sobre fatos da terra em que estavam e notícias da

terra de origem, chegadas de navios vindos da África. **O canto era muito mais do que mera estação de trabalho.** (Reis, 1993, p. 13-14, grifo nosso).

E foi apenas pela existência dessa organização prévia dos trabalhadores africanos escravizados e libertos de Salvador que a greve de 1857 foi possível.

Mas espera, qual foi o motivo dessa greve?

Como já citado, o intuito do governo provincial era o controle desses corpos negros, principalmente africanos, que circulavam pela cidade oferecendo seus serviços. Para isto, a Câmara Municipal decretou que, para seguirem trabalhando, a partir de agora era necessário que tivessem uma “licença concedida pela Câmara Municipal” (Reis, 1993, p. 8), uma chapa de metal com seu número de inscrição, que deveria ser pendurada no pescoço durante o trabalho e, ainda, que os ganhadores libertos (ex-escravos) “deveriam apresentar fiadores idôneos que se comprometessem pelo comportamento futuro deles.” (Reis, 1993, p. 8). E para fechar com chave de ouro e humilhação, o custo total desses trâmites exigidos era de nada mais nada menos que cinco mil réis - o que “equivaleia naquele ano de 1857 a cerca de uma arroba (quinze quilos) de carne.” (Reis, 1993, p. 8).

Portanto, “[...] no primeiro dia de junho de 1857, uma segunda-feira, as ruas de Salvador amanheceram estranhamente calmas. Os negros haviam decidido cruzar os braços, em protesto contra uma postura municipal em vigor a partir daquela data.” (Reis, 1993, p. 8). E assim seguiram por mais de uma semana (Reis, 1993, p. 28). Dez dias, para ser exato.

Mas o mundo precisa girar, e a economia baiana não duraria muito tempo sem a fundamental e árdua tarefa dos ganhadores, que faziam as mercadorias (e pessoas!) circularem. Exatamente por isto, “[...] já no primeiro dia, os africanos receberam um aliado acidental, mas importante. A Associação Comercial” (Reis, 1993, p. 21), que protestou junto às autoridades competentes para que suspendesse a cobrança do novo imposto sobre os ganhadores. - Nunca é demais lembrar o poder que o trabalhador tem, já que são seus braços que produzem e circulam as mercadorias, a riqueza. E assim, com o passar dos dias e o continuar da greve, o burburinho e o medo, a insegurança e a incerteza tomavam



conta dos donos e representantes da “coisa toda”. De tal modo que, no segundo dia de greve, os africanos paredistas já haviam derrubado não só a cobrança de dois mil réis pela matrícula, como também o preço de mais três mil pela chapa de metal - que, cá entre nós, era um deboche racista dos mais mesquinhos, já que a fundição da placa custara apenas 600 réis (Reis, 1993, p. 22)... enfim, o que pode ser pior que a escravidão... -, ou seja, a parte fiscal da Postura (Reis, 1993, p. 23). Já após uma semana de paralisação da cidade, conquistaram outra reivindicação: a revogação da Postura anterior e a publicação de nova (Reis, 1993, p. 26), que alterava a necessidade de apresentação de fiador pessoal, agora bastava atestado de comportamento da polícia mesmo. Parece pouco, mas era um grande alívio, já que

Não parece uma grande mudança, mas era. No primeiro caso se exigia que um homem livre se responsabilizasse pela conduta futura do liberto, nos mesmos moldes que um senhor se responsabilizava por seu escravo. Isso implicava criar um laço de dependência talvez insuportável para o liberto, sem contar que provavelmente fosse difícil encontrar alguém que quisesse se arriscar a tal compromisso. No segundo caso, tratava-se apenas de um atestado de comportamento anterior, escrito por uma autoridade policial [...]”. (Reis, 1993, p. 27).

Importante lembrar que, para os comerciantes e para os parlamentares baianos, o que motivava a greve era a cobrança de impostos - as taxas de matrícula e compra da placa - ou a vontade de não ter seu trabalho fiscalizado, respectivamente. No entanto, pensavam assim por projetar nos africanos seus próprios medos e crenças e, apesar de não estarem de todo errados, desconheciam talvez a principal causa da revolta: o uso de placas de metal no peito com um número de inscrição. Essa chapa, mais do que tudo, humilhava ainda mais o africano trabalhador.

Mais do que rejeitar o controle do seu trabalho, os africanos rejeitavam aquela forma específica de controle. O uso das chapas era tido como humilhante. Os africanos eram originalmente de um mundo onde a marcação do corpo com escarificações (as *abaja* iorubanas), o uso de determinados colares, roupas e penteados diziam sobre sua posição na ordem social e ritual. Os africanos estavam com Foucault: “o corpo está diretamente

mergulhado num campo político”. Mas a Câmara também: “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Ambos sabiam que naquela chapa jogavam uma cartada decisiva. Como escreveu o *Jornal da Bahia* (6/6/1857), os africanos lutavam para “desembaraçar-se do tal ferro, que tão deshumanamente os equipara aos míseros quadrúpedes”. (Reis, 1993, p. 24).

Imagem: Mulher com criança



Fonte: Africanize (2023).

Imagem: Escarificação



Fonte: Africanize (2023).

Imagem: Erik Killmonger



Fonte: Africanize (2023).

Essa placa ocuparia o lugar no corpo reservado ao espiritual, como as guias de santo dos africanos, que eram levadas no pescoço, por exemplo... Por mais que seus corpos estivessem submetidos à escravidão e ao racismo em seu mais alto nível, seus espíritos lhes pertenciam, seu sagrado, sua identidade. Essa é a luta em que ainda nos encontramos...

Importa dizer também que a unidade na luta não apenas se observou entre os ganhadores, os homens africanos, mas toda a comunidade negra veio em defesa da greve, como as mulheres ganhadeiras e as crianças. As primeiras, “[...] não apenas desencorajando as deserções” (Reis, 1993, p. 25), como vendendo comida a crédito aos “[...] ganhadores que há dias não faziam vintém” (Reis, 1993, p. 25). Já os “[...] ‘moleques’, meninos e adolescentes negros [...] junto com as pretas, azucrinavam pobres escravos, fura-greves forçados, numa espécie de *charivari* trabalhista africano. Por traição ao canto, esses escravos eram colocados *na roda*, e não era roda-de-samba [...]” (Reis, 1993, p. 26). Sim, esta foi outra prática dessa greve pioneira: os fura-greves forçados, ganhadores escravizados que foram obrigados por seus senhores a voltarem ao trabalho usando a chapa, eram espancados e mandados para casa pelos colegas de trabalho - sem a chapa. (Reis, 1993, p. 25).

Imagem: Ganhadeira



Fonte: As Ganhadeiras de Itapuã (2021).

Por fim, no décimo segundo dia, “[...] muitos ganhadores se apresentariam na rua de chapa [...], mas nem todos foram vistos com chapas”. (Reis, 1993, p. 27). Enquanto o *Jornal da Bahia* anunciava, dia 13 de junho de 1857: “[...] ‘as cousas vão voltando aos seus eixos’. Estava praticamente acabada a greve. Nos dias seguintes o transporte em Salvador retornaria à normalidade.” (Reis, 1993, p. 27).

E nesse instante, a bateria da nossa máquina do tempo acabou e fomos arremessados com violência cósmica de volta ao presente: estávamos novamente no PET Pedagogia, na sala mais alta, da torre mais alta. Nos olhamos com espanto e a descrença de quem havia acabado de viajar no tempo. Mas com a indiferença à desgraça de um brasileiro nativo, seguimos a análise teórica e concluímos com João José Reis que:

O movimento tinha sido um sucesso parcial. Derrubou a taxa de matrícula e modificou os termos da “fiança”. Conseguir parar todo um importante setor de trabalhadores urbanos durante mais de uma semana já era um resultado notável. Que isso tivesse sido possível deve-se atribuir a que os ganhadores não constituíam uma massa desorganizada e sem uma compreensão dos seus interesses.

[...] Os cantos certamente tiveram um papel fundamental na organização da parede grevista. Para que todo mundo parasse em ordem e “a uma só voz” foi necessário discutir, combinar, decidir e mobilizar numa extensão só possível a partir de uma estrutura organizacional pré-existente. O que me leva a crer que os cantos não eram reiozinhos isolados uns dos outros, mas formavam uma espécie de federação. (Reis, 1993, p. 28).

Assim, restou nossa reflexão coletiva, com o queixo apoiado no ângulo entre o polegar e o indicador, o olhar distante, mas focado, de que aquele movimento grevista de 1857 foi possível graças à organização dos trabalhadores africanos nos cantos. Cantos estes que eram locais de ação política e subversão - a Revolta dos Malês, em 1835, foi organizada neles -, locais de contato direto com sua categoria de trabalho, em contato direto com sua base. Unidade, identidade, organização e resistência. Talvez sejam essas as palavras e os princípios que a primeira greve do país, ainda sob o regime da Escravidão, deixou para as próximas incontáveis vezes em que o trabalhador e a trabalhadora brasileira fizeram greve, cruzaram os braços e divulgaram pelas ruas sua causa. Unidade, identidade, organização e resistência. Acredito que sejam essas as palavras e princípios que nossos ancestrais, aqueles africanos ganhadores, nos deixaram como missão, como legado. Um legado negro!

Imagem: Ganhador com a chapa de metal



Fonte: Inteligência Artificial Whatsapp (2024).

Imagem: Orochi com seu colar de meio milhão de reais



Fonte: Jornal de Brasília (2023).

## REFERÊNCIAS

186 Anos do Levante dos Malês. Instituto Búzios, 2021. Disponível em: <https://www.institutobuzios.org.br/186-anos-do-levante-dos-males/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

Escarificação: O que representam as cicatrizes. Africanize, 2023. Disponível em: <https://www.africanizeoficial.com.br/escarificacao>. Acesso em: 02 nov. 2024.

Ganhador com a chapa de metal. Inteligência Artificial (Whatsapp), 2024. MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (org). História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.

Negros de Ganho, primeiros grevistas da história. Primeiros Negros, 2020. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/negros-de-ganho-primeiros-grevistas-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

NICOLAU, Analice. Jornal de Brasília, 2023. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/analice-nicolau/orochi-faz-duplo-lancamento-de-novo-album-vida-cara-e-loja-online-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 6-29, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i18p6-29. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25988>. Acesso em: 31 out. 2024.

REIS, João José. Ganhadores: a greve negra de

1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Século XIX. As ganhadeiras de Itapuã, 2021. Disponível em: <https://ganhadeirasdeitapua.org/timeline/seculo-xix/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

Senhora na liteira (uma espécie de “cadeira portátil”) com dois escravos chamados de carregadores, Bahia, 1860. Fotos de Fatos (Facebook), 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/FotosDeFatos/photos/a.760928163945998/2288620127843453/?type=3>. Acesso em: 02 nov. 2024

## ENTREVISTAS

**Entrevista com Cristina Vieira Levandovski, assistente social da UFSC.**

Entrevista concedida ao Jornal do PET Serviço Social - UFSC

**Bruna Vitória de Souza**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

Imagem: Cristina Vieira Levandovski



Fonte: Reprodução Jornal do PET Serviço Social.

O Jornal do PET Serviço Social na UFSC realiza publicações semestrais com o objetivo de divulgar as atividades de ensino, pesquisa e extensão de sua comunidade petiana, dentre elas, entrevistas com assistentes sociais. Na edição N° 15 deste Jornal, lançado em maio de 2024, o tema levantado em sua primeira página foi “A greve nacional nas Instituições Federais de Ensino Superior está em curso”, nos apresentando a seguir uma importante

entrevista, a qual republicaremos abaixo, com o texto integral do Jornal, assinado por Paola Gragnolati Fernandes e Cristina Vieira Levandovski:

O PET/SSO, em sua 15ª edição do jornal, decidiu entrevistar a assistente social Cristina Vieira, que atua no Departamento de Permanência Estudantil (DPE/PRAE), e que atualmente está no comando de greve dos TAEs (Técnicos Administrativos em Educação). Com o intuito de socializar informações sobre a própria greve, e sobre a relevância das assistentes sociais neste contexto, as seguintes perguntas foram feitas à entrevistada.

**PET|SSO:** Quais são as principais reivindicações levantadas durante a greve dos TAEs, tanto nacionalmente quanto específicas da UFSC?

**CRISTINA:** As principais motivações para a deflagração da greve são: reestruturação da carreira, recomposição salarial e em defesa da educação pública. Nossos salários estão defasados em mais de 70%. O nosso plano de carreira está desatualizado. E a universidade está em condições precárias, com teto caindo, sala alagando, materiais de higiene faltando, cursos fechando.

**PET|SSO:** Como funciona um comando de greve e como tem sido organizadas as atividades na UFSC?

**CRISTINA:** O Comando de greve da UFSC é formado por TAEs de diferentes setores da UFSC, da sede e dos campis. É um grupo de referência para os demais grevistas e é quem direciona o movimento de greve. As atividades são organizadas conforme surgem as situações, por exemplo, organizamos atos, marcamos reuniões com setores que solicitam, fazemos passagem em setores que há menor adesão à greve.

**PET|SSO:** Tendo em vista toda a precarização das Universidades Federais, como você percebe que esse contexto tem impactado no seu trabalho como assistente social responsável pela assistência estudantil?

**CRISTINA:** O orçamento da assistência estudantil é o mesmo desde 2018. Mas agora em 2024 sofremos um corte de 6 milhões no orçamento destinado para a assistência estudantil da UFSC. Percebemos uma procura cada vez maior para os programas de assistência, mas não temos orçamento para responder a essa procura. Isso se reflete nos atendimentos que realizamos, não podendo garantir o acesso aos programas da assistência estudantil a todos e todas que teriam direito.

**PET|SSO:** Em sua opinião, qual a importância de uma greve unificada das três categorias, e como ela contribui na greve já vigente dos TAEs?

**CRISTINA:** Uma greve unificada seria importante para que pudéssemos dar mais força ao movimento e assim pressionar o governo federal para termos as nossas pautas atendidas.

**PET|SSO:** Quais as maiores dificuldades que vocês encontram hoje para dar continuidade à greve, e como estas outras categorias podem agir para efetivamente apoiar as pautas e a greve em si?

**CRISTINA:** A nossa greve já tem mais de um mês e o governo federal não parece dar importância ao nosso movimento. Acredito que a maior dificuldade é manter a greve em

um movimento forte e crescente. Precisamos de força para pressionar o governo federal para termos a nossa pauta atendida.

**PET|SSO:** Qual a importância dos/as Assistentes Sociais participarem das lutas pela melhoria das condições de trabalho e de uma educação pública e de qualidade?

**CRISTINA:** É importante estarmos mobilizadas e mobilizados enquanto assistentes sociais porque essas instituições são os nossos espaços de formação profissional. E após nos formarmos esse é um espaço que podemos nos inserir profissionalmente.

**PET|SSO:** Por fim, qual recado você gostaria de deixar aos estudantes de Serviço Social e de toda a UFSC?

**CRISTINA:** Precisamos de condições para trabalhar, estudar e de permanência na Universidade, o momento de estarmos em luta é agora!

Esta entrevista e muito mais você poderá encontrar diretamente no Jornal do PET Serviço Social, no site: <https://petservicosocial.ufsc.br/jornal-do-pet>.

O Abiodum agradece a parceria e oportunidade de republicar este material, e gostaríamos também de destacar a seção dentro do Jornal, intitulada “Mural dos Estudantes”, que vale muito a pena conferir! Nós concordamos que arte e cultura são permanência estudantil de fato! Muito obrigada PET SSO, até a próxima!



**Entrevista com docentes do Curso de Pedagogia na UFSC referente à greve de 2024.**

**Bruna Vitória de Souza**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

**Paloma Ariely de Paula Santos Dias**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

**Tilara Lopes**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

Após 40 dias de luta, no dia 17 de junho de 2024 a Assembleia Permanente de Greve Docente na UFSC deliberou pelo encerramento da sua greve. Nesse período, muitos docentes do Centro de Ciências da Educação na UFSC estiveram à frente de grupos de trabalho importantes, do comando de greve geral dos docentes, organizando e mobilizando a sua base.

Algumas referências importantes deste movimento fazem parte do corpo docente do Curso de Graduação em Pedagogia, e escolhemos convidar dois dos nossos docentes para uma entrevista coletiva: a professora

Adriana D'Agostini (EED/CED/UFSC) e o professor Mauro Tilton (MEN/CED/UFSC). Nosso objetivo com essa entrevista é proporcionar informações sobre os motivos desta greve para a comunidade, dialogando tanto com quem não faz ideia dos porquês desse movimento, quanto com quem está por dentro dos motivos.

**PET PEDAGOGIA:** Apesar do histórico de lutas, a categoria docente na UFSC permaneceu por muito tempo sem aderir a uma greve. Vocês saberiam nos responder por quanto tempo e por que isso aconteceu?

**PROFESSOR MAURO TITTON:** A greve de 2016 foi realizada com a participação de um grupo menor de professores em relação à greve deste ano, mas foi uma greve extremamente importante porque na UFSC sua condução se deu de forma unificada entre estudantes, docentes e TAES. Nós tínhamos uma comissão unificada e as discussões partiam de cada uma das categorias com as suas pautas específicas, mas buscando sempre uma unidade a partir das discussões desta comissão. Esta greve foi a última antes de 2024 e um dos motivos, penso, que fizeram com que desde então, de 2016 até agora, nós não tivéssemos tido condições de realizar uma greve mais organizada e com participação nossa na UFSC, se deve às questões do contexto nacional. No período pós-2016 houve uma intensificação das discussões para a unificação dos movimentos sindicais de todos os setores e em especial no serviço público, mas o contexto político gerou profundas dificuldades para que isso avançasse; tivemos greves nas universidades públicas brasileiras nesse período, também em universidades federais, mas na UFSC a condução errática da direção da APUFSC Sindical, que acionou judicialmente o ANDES-SN, sendo proibido de manter a atuação nas Universidades Federais de Santa Catarina, ou seja, uma ação contra a liberdade de organização sindical, baseado num aspecto legal da unicidade sindical. E, por outro lado, por dificuldades do próprio contexto, pelas divergências profundas que imobilizaram parte da sociedade brasileira, que, com a eleição do governo Bolsonaro, teve ainda mais dificuldades. No início do governo Bolsonaro é importante a gente destacar que tivemos muitas mobilizações na Universidade,

sobretudo pela condução desastrosa da política educacional a partir do Ministério da Educação; tivemos grandes levantes, grandes mobilizações contra o projeto Future-se que havia sido apresentado pelo governo; aqui na UFSC, inclusive, nós tivemos uma mobilização bastante intensa que indicava a possibilidade de a nossa categoria realizar uma forte greve unificada, mas com a chegada da pandemia, essas formas de luta que exigem presencialidade na organização para um enfrentamento mais direto, não foram mais possíveis; então esse também é um elemento que precisamos considerar, pois passamos por uma ampla tragédia com um genocídio organizado durante essa pandemia, o que dificultou bastante a participação dos docentes na greve.

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** Vou só acrescentar que por mais que tivemos um período longo aí, sem ter greve propriamente dita, as resistências e as manifestações, sempre existiram na UFSC, acompanhando os movimentos nacionais, com a organização de docentes, TAES e estudantes; inclusive em 2019 foram muito expressivas e em 2020 estava prevista uma grande greve, porém, a pandemia nos impossibilitou de realizá-la. Mas mesmo num contexto de pandemia houve manifestações, houve muitas atividades online [remotas] de resistência, de politização, construídas tanto por docentes, quanto estudantes e TAES. Então, isso também ocorreu e auxilia nos processos de pensar a universidade pública e pensar a UFSC dentro desse contexto adverso que temos.

**PET PEDAGOGIA:** Mais de 60 Universidades Federais entraram em greve no primeiro semestre de 2024. O que levou os professores e professoras a construir uma greve nacional?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** Os principais motivos da greve foram, principalmente, as condições de trabalho, carreira e salário, as questões previdenciárias e todas elas prejudicadas pelos cortes de gastos, que é a Emenda Constitucional nº 95 e o novo arcabouço fiscal do atual governo. Este arcabouço fiscal limita os gastos com questões sociais do Brasil, e isso impacta em muito as universidades, por exemplo, os vários cortes orçamentários vêm impedindo a manutenção

das estruturas universitárias, a precarização na realização de pesquisa, de ciência e tecnologia, de realização de projetos de extensão e também, claro, as próprias aulas, o próprio ensino. Então, as condições de trabalho e de estudo estão afetadas pelos cortes orçamentários, mas também a carreira e salário tanto dos docentes quanto dos TAES estão extremamente defasados. Há muitos anos que nós não temos reajuste, nem reajuste da inflação ao salário, o que diminui em muito o poder de compra do salário dos professores. A carreira é uma carreira desestruturada, que não nos permite uma possibilidade de progressão clara e de ascensão de carreira com uma lógica a qual ficamos sempre reféns da vontade do governo e, portanto, isso sempre exige lutas. A questão que unificou estudantes e professores são as questões orçamentárias das universidades, que se apresentam bastante precárias e com muitos cortes e contingenciamento ao longo de vários anos já, e agora, então, numa situação bem delicada.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Concordo com a professora Adriana e eu acrescentaria, em primeiro lugar, que é importante lembrar que a greve é um instrumento importante de luta para que seja possível durante os processos de negociação com os patrões - no caso, com o governo - nós mudarmos a correlação de forças, que é desfavorável aos trabalhadores, fazendo grandes processos de mobilização, interrompendo o trabalho, para que a gente possa melhorar as condições em que a gente se encontra nas negociações. Então, a greve desse ano é fruto também da intransigência do governo nas negociações com o conjunto dos servidores públicos federais, com o conjunto da sociedade que tem reivindicado, que tem exigido melhores serviços públicos, mais condições para a saúde pública, para a educação pública, para o saneamento, habitação... [...] No contexto de negociações o governo foi intransigente tanto em relação aos aspectos que a professora Adriana trouxe da recomposição salarial que é uma reivindicação para garantir um direito. Os trabalhadores têm direito de terem os seus salários reajustados, pelo menos para recompor os salários das perdas inflacionárias, então o governo não aceitou, não reconheceu as perdas históricas e não aceitou garantir recursos para esta recomposição, enquanto optou por aumentar

de forma exponencial repasses de recursos públicos para a iniciativa privada, por meio do sistema da dívida pública. Nós tivemos nos últimos dois anos um aumento da arrecadação do governo federal, o que significa um aumento expressivo de recursos públicos e, ao mesmo tempo, uma redução de recursos públicos para as políticas sociais, o que além de gerar muita indignação, traz condições que inviabilizam o funcionamento da universidade como uma universidade pública, gratuita, laica, de qualidade, que não é apenas uma questão de um slogan, né? Cada um desses conceitos precisa estar plenamente integrado nas necessidades da população brasileira que não podem ser atendidas por esta situação.

[...] A pauta central gira em torno desta necessidade de garantia dos direitos dos trabalhadores, garantia das condições de trabalho e estudo, portanto, se relacionam com recursos para garantir a assistência estudantil, a permanência estudantil, as bolsas de pesquisa, salário digno para professores e os trabalhadores técnicos administrativos da nossa universidade, que estão entre aqueles com pior salário entre todas as categorias do serviço público e, obviamente, os recursos para recompor a estrutura das universidades que está degradada, provocando graves acidentes, [...] que quase provocaram mortes na nossa universidade. [...] É muito claro para todos nós que se o governo tivesse recomposto o orçamento, tivesse atendido as reivindicações de recomposição salarial, de recomposição orçamentária, de garantia daquilo que é necessário para o funcionamento das universidades, nós não teríamos necessitado dessa greve.

**PET PEDAGOGIA:** A greve dos/as TAES (Técnicos-Administrativos em Educação) ter começado no mês anterior, deu força para que vocês também pudessem aderir à greve dessa vez?

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Não há dúvidas, além de nos dar força, ela demonstrou a necessidade de recomposição do quadro de servidores técnicos administrativos que está extremamente reduzido. Nós temos um profundo processo de terceirização de serviços no interior da universidade, temos parte dos servidores técnicos administrativos sendo

substituídos por trabalhadores terceirizados, com condições de trabalho ainda piores, e nós temos os TAES numa situação salarial tão ruim, que faz com que tenha uma alta rotatividade, causando muitos problemas. A greve dos TAES se iniciou muito forte, demonstrando a possibilidade de nós construirmos uma greve maior [...].

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** E gostaria de acrescentar que o trabalho realizado pelos TAES nas universidades é fundamental e estruturante de todo o processo, tanto na relação com os estudantes quanto na relação com os docentes. A greve dos TAES impulsiona sim, tanto pela solidariedade entre as categorias, mas principalmente porque o serviço realizado por eles é fundamental para o funcionamento da universidade e impacta muito o trabalho dos docentes. Então, uma questão importante dessa greve e dessa adesão bastante forte dos TAES aqui na UFSC, foi essa percepção da importância do trabalho conjunto entre docentes e TAES, o que sim, ajudou em muito a categoria docente decidir pela greve.

**PET PEDAGOGIA:** Qual foi a pauta e o que estava sendo reivindicado tanto nacionalmente, quanto especificamente na UFSC pela categoria? Como foi a adesão da sua categoria aqui na UFSC?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** Em 2024 tivemos uma adesão bastante forte, avalio que em torno de 50 a 60% dos professores aderiram à greve. As assembleias foram bastante expressivas, sempre com mais de 350 professores participando presencialmente em todos os campi e com uma programação incluindo manifestação, ato na UFSC, passada em centros, produção de materiais e com bastante gente participando. Então, sim, tivemos dessa vez uma adesão bastante forte dos docentes na greve, o que é muito positivo, porque há bastante tempo a gente não tinha todo esse movimento em relação aos docentes.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** É importante a gente lembrar que como nós ficamos um tempo relativamente longo sem greves, sem possibilidade de uma ação coletiva mais unificada, e como o nosso trabalho cotidiano acaba absorvendo de uma forma muito intensa o nosso tempo, inviabiliza o

encontro. Nesta greve nós tivemos a possibilidade de nos reconhecemos como categoria de trabalhadores da Universidade e de conhecermos colegas, tanto aqueles que entraram mais recentemente na universidade. [...]

**PET PEDAGOGIA:** Em que momento e com qual finalidade nasce o Movimento Docentes em Luta? Quem são as pessoas que o compõem?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** Então, esse movimento na verdade já vem ocorrendo desde 2015. São esses grupos de professores, os seus coletivos, que vão se organizando para as reivindicações e que agora na greve de 2024 se ampliou muito. Então, esse movimento nasce das reivindicações e da necessidade de exigir do sindicato, no caso a APUFSC, ações concretas e que de fato seja protagonista no movimento em defesa da universidade. Como o sindicato tem sido bastante inoperante, esse movimento surge como contraponto a essa direção sindical e fortalece, portanto, a necessidade de organização dos professores e de ação em relação à universidade, ao salário, à carreira, ou seja, as pautas que foram postas durante a greve. Esse movimento é composto por professores dos diversos centros de ensino da UFSC, professores de gerações diferentes, com contratações diferentes, mas que tem como objetivo comum lutar pela educação pública, laica, de qualidade, gratuita e por um projeto de universidade que seja inclusivo e que possa também ser ampliado nas suas possibilidades de realização do ensino, da pesquisa e da extensão. Então esse coletivo se ampliou bastante com a greve, tanto que neste momento atual encampou e conseguiu organizar uma chapa, que é a Chapa 2, para concorrer à direção do sindicato, porque acreditamos que o sindicato precisa ter um redirecionamento para a luta, com respeito à base e de forma democrática. E é esse movimento ampliado no contexto da greve deste ano que está disposto a fazer essa mudança sindical.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** É importante também frisar que esse movimento nasceu por conta da inoperância e das posições autoritárias da direção sindical docente na UFSC, mas nasce por que existe ainda - e como fruto da luta dos



trabalhadores desse país - um contexto de liberdade para organização política, que não seja tutorada pelas direções sindicais, pelas administrações universitárias, pelas organizações patronais, então é plenamente legítimo que qualquer cidadão possa se organizar em torno de pautas comuns para discuti-la, para viabilizar as suas formas de reivindicação.[...]

**PET PEDAGOGIA:** No dia 24 de maio, após uma nova votação online, com 51% dos votos a favor do fim da greve e 49% contrários, a APUFSC declarou o fim da paralisação depois de aceitar a proposta do governo de reajuste salarial e de carreira. No entanto, essa decisão não foi bem aceita por grande parte da categoria, que optou por seguir paralisada. Como foi esse processo? Qual foi a proposta do governo?

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Bom, essa é uma questão bastante longa e eu recomendo que a gente olhe os textos que foram produzidos e que vocês trouxeram como referências (links ao final da entrevista), que explicam de forma mais detalhada esse processo. Eu acho que ali tem uma explicação mais sistemática do que aquela que seria possível tratar aqui. Mas apenas para demarcar a questão central em torno disso: hoje já está pacificado no Superior Tribunal de Justiça do Trabalho que todas as decisões (em relação às greves), tanto de início de greve quanto de saída, deve ser realizada pelo conjunto dos trabalhadores e é um direito do conjunto dos trabalhadores de uma determinada categoria, e não apenas dos trabalhadores sindicalizados. O que quer dizer que o sindicato, como representante da categoria perante às negociações, deve convocar, naquilo que diz respeito à greve, o conjunto da categoria, garantindo que tanto sindicalizados quanto não sindicalizados possam participar da votação. O que nós acompanhamos foi um processo inverso a esse, a direção da APUFSC fez todos os esforços possíveis para desmobilizar nesse processo e convocou uma assembleia exclusiva para os sindicalizados, confrontando a decisão dos Tribunais Superiores. [...] Demonstrou, com isso, um profundo desrespeito pelo estatuto da instituição e pela legislação em geral, além do desrespeito flagrante com a categoria, com o

conjunto das professoras e dos professores da nossa universidade. [...] Portanto, o que a APUFSC fez com aquela votação, foi apenas uma consulta aos seus filiados e não com o conjunto da categoria e isso confronta o que está estabelecido hoje e já pacificado nos tribunais. Esta foi a questão que motivou a permanência de grande parte dos docentes da universidade em greve, mas que teve como questão central para permanecer em greve a recusa daquilo que a PROIFES Federação e a direção autoritária e traidora da APUFSC fizeram, que foi aceitar um acordo com o governo sem que a maior parte da categoria tivesse aprovado. Quem aprovou foi parte majoritária dos sindicalizados, mas não o conjunto da categoria.[...] É direito de cada trabalhador, respeitada a decisão coletiva da categoria, fazer greve. Não é uma imposição ter que fazer greve ou não participar de uma greve aprovada de forma legítima, assim como sair dela não pode ser imputada a uma decisão apenas de parte da categoria, a parte sindicalizada. E esse é o elemento central.

**PET PEDAGOGIA:** Observamos um movimento de luta para que a APUFSC Sindical (o Sindicato de Professores das Universidades Federais de Santa Catarina) se desfiliasse da PROIFES-Federação (Federação de Sindicatos de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico Técnico e Tecnológico) visando o fortalecimento do seu sindicato. Na UFSC, a campanha nacional de desfiliação foi aprovada em assembleia docente presencial, com a presença de 360 docentes. Por que se desfiliação da Federação se tornou uma ação urgente?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** A Federação PROIFES foi criada pelo governo Lula com alguns objetivos. Um objetivo foi dividir a carreira e a luta docente da educação federal. Outro objetivo era assinar os acordos com o próprio governo, então assinando um acordo a categoria fica impossibilitada de fazer greve durante o período do acordo assinado. A outra questão é que a PROIFES representa docentes de apenas cinco universidades, sendo que neste momento de 2024, quatro delas já estavam em greve e três haviam recusado a proposta do governo em suas assembleias. Além disso, as demais entidades que estão vinculadas à PROIFES Federação são entidades

cartoriais, existem no sentido legal, mas não contém base real para a entidade. Então, nesse sentido, avaliamos que a PROIFES Federação não representa a categoria nacional de fato, porém, assina e divide o movimento. A outra questão é a sua forma autoritária assinando esses acordos independentemente da resposta e da reivindicação da sua base. Também queremos salientar as formas como as pessoas são eleitas para compor o conselho da PROIFES, aqui não pela base e sim pela indicação das direções dos sindicatos, o que também fere a democracia e a participação do conjunto dos sindicalizados.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Concordo com a professora Adriana e apenas queria ressaltar que o que ficou explícito para todas as bases da PROIFES esse ano e em especial aqui na UFSC foi este profundo desprezo que essas direções têm pelos professores e pelas professoras, porque manipularam o tempo inteiro para que as decisões fossem aprovadas, aquelas que as direções e que os seus assessores em Brasília enviam para cá e que não permitem os canais para que as divergências, as diferenças que existem na base da categoria possam ser discutidas aprofundadamente. Parte de um falso pressuposto de que como nós somos de uma categoria de docentes de universidades, todos já sabem o que está na pauta e basta fazer a votação e, por isso, esse desprezo pelo espaço coletivo de debate. Isso enfraquece muito o movimento docente. Então, se desfiliar da PROIFES significa fortalecer o sindicato porque recoloca os professores como aqueles que tomam as decisões e não um conselho de representantes que é inflado por gente que supostamente representa sindicatos que só existem no papel e outros que tem base real como é o nosso caso, que se manifestaram contrários e que foram atropeladas pela direção.

**PET PEDAGOGIA:** Quais foram as conquistas e quais os próximos passos dessa luta, que não finda com a greve?

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Inicialmente acho que a questão já tem o ponto que vocês elaboraram, que é o reconhecimento de que a finalização da greve não significa a finalização da organização, da luta para seguir pressionando para as nossas reivindicações

serem aceitas. Isso já indica uma primeira conquista muito importante dessa greve, que foi nós termos saído dela num patamar de organização superior ao patamar que nos levou a entrar em greve no que diz respeito à organização autônoma dos trabalhadores para seguir pressionando e haja recomposição do orçamento, melhorias nas condições de estudo e trabalho e que sejam garantidos os direitos trabalhistas, previdenciários, o direito a salários dignos e ao reajuste salarial. Também é uma conquista da greve ter colocado em evidência a situação que nós estamos passando hoje na educação pública, nas universidades públicas. Muitas vezes dizemos que só falamos para a bolha interna, mas a nossa bolha é uma bolha de mais de 40.000 pessoas que precisam de espaços coletivos para aprofundar a sua compreensão sobre como hoje funciona a universidade e em quais condições está se dando a vida universitária, então esse já é um passo importante. Mas também evidenciou para parte significativa da sociedade externa quais são as condições e aquilo que, mesmo com essas condições precárias, nós conseguimos fazer. As próprias notícias do MEC dão conta de que, no Brasil, apesar de mais de 80% dos estudantes estarem matriculados em instituições de educação superior privadas, 93% da ciência produzida no país acontece nas universidades públicas. Então, nessa desproporção, a gente tem uma ideia da relevância que as nossas universidades possuem e é isso que a greve também permitiu estabelecer um diálogo. Em termos da pauta específica é claro que nós não fomos atendidos nem nas questões salariais. Os reajustes que foram indicados para os próximos anos não estão garantidos porque estão submetidos à lógica do arcabouço fiscal. Mas mesmo se for pago, não repõe as perdas salariais do período. Na questão orçamentária, o que nós vimos após a greve foi o governo aumentando o contingenciamento ao mesmo tempo em que havia se comprometido com a recomposição do orçamento, dessa maneira, acaba provocando uma piora ainda nessas questões em relação ao repasse de recursos para a permanência estudantil. E em relação ao atendimento da necessidade que nós temos de recomposição das estruturas físicas da universidade, o governo encaminhou isso pelo PAC, passando por cima e atropelando as decisões das próprias

universidades. Talvez uma conquista fundamental seja reconhecer que as formas pelas quais o governo se compromete a atender reivindicações já nos encaminha para o ambiente das privatizações, para o ambiente onde prevalecem os interesses particularistas privados, como é esse caso do encaminhamento para o PAC para solucionar os problemas das universidades no que diz respeito à infraestrutura.

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:**

Quero acrescentar uma questão que foi a abertura de mesas de negociação e a criação de grupos de trabalho durante esse processo, porque o governo poderia simplesmente, se não houvesse a greve, ter passado a sua única proposta. Portanto, a abertura de novas mesas de negociação foi também uma conquista da greve, demonstrando a necessidade do diálogo com as categorias e as suas organizações.

**PET PEDAGOGIA:** A greve deflagrada pelos técnicos administrativos, professores e estudantes na Universidade Federal de Santa Catarina foi efetivamente unificada em torno da principal reivindicação de recomposição orçamentária da Educação Federal, ou as especificidades e interesses distintos de cada categoria fragilizam a coesão da luta coletiva?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** Em primeiro lugar quero reforçar aqui que a unificação das categorias em torno da luta pelo orçamento universitário é fundamental. E durante o período de greve foram feitas ações conjuntas bastante importantes aqui na nossa universidade. Como foi aquela audiência pública sobre o orçamento da nossa universidade, onde a reitoria apresentou os dados e podemos então debater e pensar um pouco a situação da universidade. Então, esse foi um ponto, sim, importante. Mas a questão é que cada categoria e as suas organizações têm autonomia. E essa autonomia precisa ser preservada, portanto, há ações conjuntas e ações que dizem respeito especificamente a cada categoria. Mas a unificação é importante e eu destaco que nós tivemos ações conjuntas sim e só não tivemos uma maior articulação porque a greve finalizou de acordo com a condição autônoma de cada categoria.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Então,

concordo com a professora Adriana e eu complementar que eu não compreendo, como a pergunta indica, de que as especificidades e os interesses que são distintos de cada categoria, fragiliza a coesão da luta. O que nós vemos é que muitas vezes é exatamente esta especificidade que permite a gente unificar, quando a gente consegue compreender qual é a demanda do outro. Quando o estudante compreende por que o professor está reivindicando reajuste salarial e por que o TAE está reivindicando reajuste salarial e quais são as suas condições de trabalho e como isso impacta em sua vida. Ou quando os professores compreendem o que os estudantes precisam para permanecer na universidade e por que é importante a política de assistência estudantil, o restaurante universitário, a moradia estudantil, as bolsas de permanência e o porquê de ser fundamental discutir e implementar a política de cotas. Ou quando os professores compreendem qual é o trabalho e a necessidade do trabalho, muitas vezes invisibilizado, dos TAES. Eu penso que as especificidades não fragilizam, elas podem fortalecer, depende a forma como é encaminhado. E é por isso a nossa luta contra a perspectiva colocada pela direção sindical da APUFSC, que em nenhum momento buscou uma construção unitária com as demais categorias.[...] Eu penso que nós temos, ao contrário de uma fragilização, um reconhecimento de que nós somos muito diversos, que nós temos pautas específicas, mas que a universidade depende de todos nós, de docentes, de TAES e estudantes. E que nós respondemos também a demandas externas e precisamos de condições reais de funcionamento.

**PET PEDAGOGIA:** Como a greve nas universidades pode ser vista pela comunidade externa como uma ferramenta de pressão para assegurar os direitos trabalhistas dos servidores públicos?

**PROFESSORA ADRIANA D'AGOSTINI:** A greve é um momento de expressar a denúncia, mostrar a real situação e também evidenciar a importância do serviço prestado à comunidade. A greve sai da comunidade interna para externa, e se coloca como um instrumento importante de manutenção, ampliação e luta pelos serviços que são acessados pela comunidade. Serviços esses de educação, de

saúde, de previdência, de acessibilidade. Essa denúncia e essa luta que vai para além do interno da universidade é bastante significativa. Penso que é um dos momentos que comunica, mesmo com contradições e mesmo com uma pressão da mídia (hegemônica) tentando confrontar a posição de luta. Portanto, penso que é um instrumento bastante importante de diálogo com a comunidade e com a realidade em que há esses serviços prestados.

**PROFESSOR MAURO TITTON:** Concordo e complementarmente dizendo que quando a gente fala de como pode ser vista pela comunidade externa, talvez a gente não disse de forma clara nas perguntas anteriores, mas depende de qual classe social que compõem a comunidade externa está fazendo essa avaliação. Quando a professora Adriana recupera agora a questão da mídia, a mídia é concentrada na mão da burguesia brasileira, que não tem interesse em avançar junto conosco nas nossas reivindicações. Eles têm reivindicações contrárias, inclusive a de acabar com a universidade pública. Então, como é que a greve vai dialogar e ser vista pela comunidade? Primeiro, depende de quais interesses de classe se expressam nessas parcelas da comunidade. Segundo, é que na própria classe trabalhadora há ainda um desconhecimento daquilo que a gente faz na universidade. Se criam muitas ilusões através dessas propagandas massivas da mídia que falam da balbúrdia no interior da universidade. O desconhecimento fica muito evidente quando os estudantes chegam na universidade e vão descobrindo a universidade e descobrindo a potência que a universidade pode ser, tanto produtora de novas relações quanto destruidora de sonhos e vivências. Nesse sentido, a universidade é contraditória e a greve nos coloca num patamar de diálogo com a comunidade externa, que é muito diferente daquilo que nós fazemos no cotidiano [...]. Então, as questões trabalhistas, os direitos dos servidores, diz respeito ao atendimento dos direitos sociais, que são aqueles que garantem melhores condições de vida para a população. Essa é a questão que muitas vezes não transparece porque se coloca muitas vezes na perspectiva que os professores, os TAES, só querem pensar no seu salário. Mas pensar nos salários é pensar em condições de vida, e pensar na melhoria das condições de vida

melhora a possibilidade de que os serviços públicos atendam aquilo que é essencial, que são os direitos de toda a classe trabalhadora, em especial.

## REFERÊNCIAS

Acesse todas as informações sobre a eleição para a Diretoria da Apufsc-Sindical, gestão 2024-2026, que começa nesta quarta-feira. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/09/12/comissao-eleitoral-homologa-duas-chapas-para-concorrer-a-diretoria-da-apufsc/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

AVILA, Astrid Baecker; JESUS, Edivane de; FRIZZO, Giovanni; PÉRES, Lino Fernando Bragança; LUSA, Mailiz Garibotti; CARAVACA, Nalá Ayalen Sanchez. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/06/24/desfiliar-do-profes-para-fortalecer-a-apufsc-sindical/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

AVILA, Astrid Baecker; MÜLLER, Carmen Maria de Olivera; RODRIGUES, Marco; FINCO, Henrique. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/08/16/diretoria-da-apufsc-desrespeita-novamente-o-estatuto-e-a-democracia-sindical/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

AVILA, Astrid Baecker; SOARES, Carlos. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/07/01/nao-em-no-sso-nome-parte-i-o-que-e-a-proifes-federacao/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

HORA, Raphael Falcão da. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/07/10/a-crise-na-reposicao-de-aulas-e-bolsas-de-monitoria-na-ufsc/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

PAZA, Carla Regina Martins; JESUS, Edivane de; MACIEL, Edna Garcia. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/08/14/ha-lugar-para-afeto-no-mundo-da-desumanizacao-esse-lugar-e-a-luta/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

RIZZO, Paulo. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/09/09/preocupante-autoritarismo-na-apufsc-sindical/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SOARES, Carlos; PAGLIOSA, Paulo. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/06/25/o-que-se-esconde-por-tras-da-campanha-contra-o-andes/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

VELLOSO, Paula Campos Pimenta; SILVA, Andressa; D'AGOSTINI, Adriana. APUFSC Sindical, 2024. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2024/07/15/das-acoes-autoritarias-e-anti-estatutarias-de-uma-diretoria-encastelada/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

# XIGUTSA XA VUTOMI – “CABAÇA DA VIDA”

Responsável

**Lucas Daeni**

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Figura: *Cabaça da Vida*,  
por Lucas DaEni.  
Fonte: Arquivo PET Pedagogia.



Nesta seção “Xigutsaxavutomi”, que, em língua Xangana, significa “Cabaça da Vida”, colocamos dicas de filmes, documentários, livros literários e teóricos sobre a temática da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER).

## PODCAST



Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/6ORu212ccBjp36y6l7iwU7>.



### Calunguinha

Esta edição do *Abiodum* realizou sua homenagem a Laudelina de Campos Melo e por falar nessa figura grandiosa, trazemos aqui o *Calunguinha!* Um *podcast* que conta a história do povo preto de um jeito irresistível! *Calunguinha* é um menino doce e pretinho, que vive com sua mãe, que toda noite lhe faz um chá e conta histórias de referências negras do Congo até Palmares, da Bahia ao Catucá, e a parte mais gostosa é quando o menino sai voando com a fumaça desse chá e vai parar lá no local onde essas histórias se passam! *Calunguinha* é um *podcast* ficcional, voltado especialmente para crianças, mas que também diverte e informa até gente grande! Nele você ouve os diferentes personagens e com ajuda de efeitos sonoros e todo o enredo muito bem elaborado, conseguimos saber onde eles estão, o que estão fazendo... É como disse o diretor e roteirista deste *podcast*, Lucas Moura da Conceição, *Calunguinha* é um teatro para os nossos ouvidos! No qual as histórias não são contadas, elas são encantadas.

O primeiro episódio foi ao ar em maio de 2022 e teve participação especial de Lázaro Ramos, e a cada semana, durante as temporadas lançadas, uma importante referência negra dos dias atuais é convidada a participar do *podcast* e interpretar uma referência ancestral do povo preto, que irá conversar com *Calunguinha* e contar a sua história pessoalmente.

E assim, depois de apresentar brevemente essa preciosidade, gostaríamos de lhes convidar a conhecer especialmente o episódio de número 12, da segunda temporada, intitulado “Laudelina, a líder das trabalhadoras”, a mesma que homenageamos nesta edição do *Abiodum* e que por causa dela, encontramos esse incrível *podcast*.

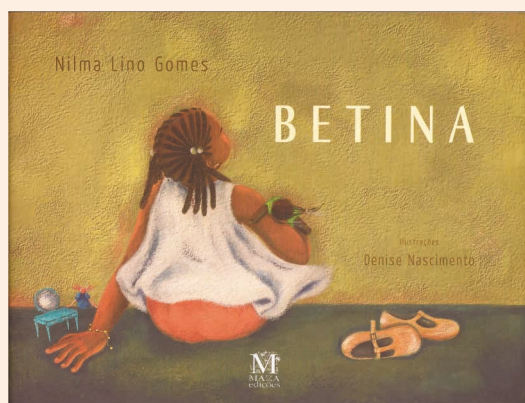
**Bruna Vitória de Souza**  
Bolsista PET Pedagogia/UFSC



Disponível em:  
<https://open.spotify.com/episode/48TZMEctWixBQzIFpJNhi0?si=XUvLUAzBQR-OctQWjbUmUg>



## LIVROS



Disponível em:  
<https://loja.mazzaedicoes.com.br/betina>



## Mano a Mano: Galo de luta e Chavoso da USP

Salve, rapa! Salve, massa!

Mano a Mano, podcast original do Spotify, apresentado por Mano Brown e Semayat Oliveira, entrevista Galo de Luta e Chavoso da USP. Galo ficou conhecido por mobilizar e organizar a primeira paralisação de milhares de entregadores de aplicativo, o "Breque dos Apps", na luta por direitos trabalhistas em 2020. Já o Chavoso, formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP, participa de vários movimentos sociais como Mandela Free e Quebrada Cult e também é palestrante.

O episódio discute diversos assuntos como lutas sociais, racismo, religião, RAP, política, história, descriminalização das drogas, família e cultura, prato cheio pra colocar a cabeça pra pensar e curtir esse bate-papo sincero e interessante enquanto lava uma louça, ou de fone no ônibus indo trabalhar.

**Tilara Lopes**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

## Betina

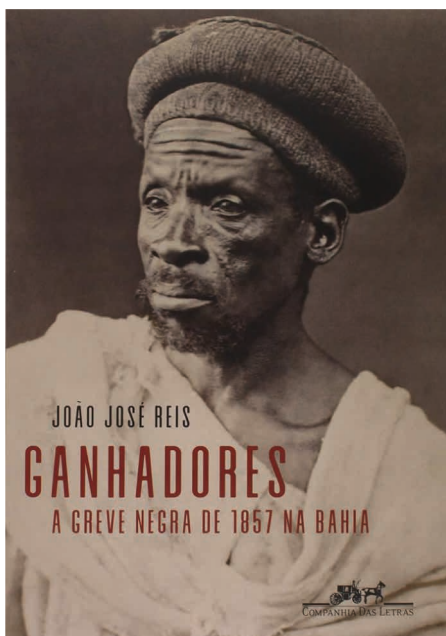
*Betina* é um livro escrito por Nilma Lino Gomes, um livro muito sensível, com uma história de aquecer o coração e de fazer nossos olhos marejarem, pois aborda assuntos como a morte e o luto, mas de uma forma tão lúdica e tão tranquila, trazendo os conhecimentos de Betina sobre seus ancestrais e a aceitação da morte como parte do ciclo da vida.

A narrativa é construída com muitos detalhes sobre o processo de trançar, o jeito que se sentam, as mãos da avó, o processo antes de trançar e depois de trançar, a oralidade da avó repassando seus conhecimentos, é algo muito rico e o afeto entre as duas em relação a esses momentos é narrado com muita delicadeza, assim como a importância dele para sua autoestima. Em frente ao espelho, pulando de alegria, gostando do que vê, chamando atenção na rua e na escola, inclusive gostando tanto de si que não se importa com as pessoas que não gostam de suas tranças.

Betina é uma menina de pele retinta e cabelo crespo, algo que mesmo hoje em dia é difícil de encontrar em histórias que tratam sobre autoestima e negritude, comumente encontramos meninas de peles mais claras com cabelos cacheados, encaracolados dentro dessa temática. O livro é uma delícia de se ler e acompanhar o crescimento de Betina até a fase adulta, com ilustrações lindas realizadas por Denise Nascimento.

**Bruna Vitória de Souza**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*



## Ganhadores: A greve negra de 1857 na Bahia

A primeira greve brasileira, ou “parede”, como era chamado na época esse movimento de resistência, é o tema deste livro quentíssimo, saído do forno em 2019. “[...] Quem queira estudar as nossas lutas, o heroísmo prosaico de cada dia, quem queira no caso da Bahia entender a origem dos primeiros passos da classe trabalhadora livre, a sociedade escravocrata urbana do século 19, as cidades-esconderijos dos escravos, a tenacidade da resistência, a capacidade de lutar em meio a um quadro de profunda repressão, a malícia, a ginga, a cultura como alavanca permanente, o candomblé como fenômeno de resistência, a capacidade política de fazer alianças quando necessárias, quem quiser entender tudo isso, leia esse livro de João José Reis. Indispensável.”

**Lucas Daeni**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

Disponível em:  
<https://teoriaedebate.org.br/estante/o-dia-em-que-a-terra-parou-a-greve-negra-de-1857-na-bahia>



## Onda Negra, Medo Branco

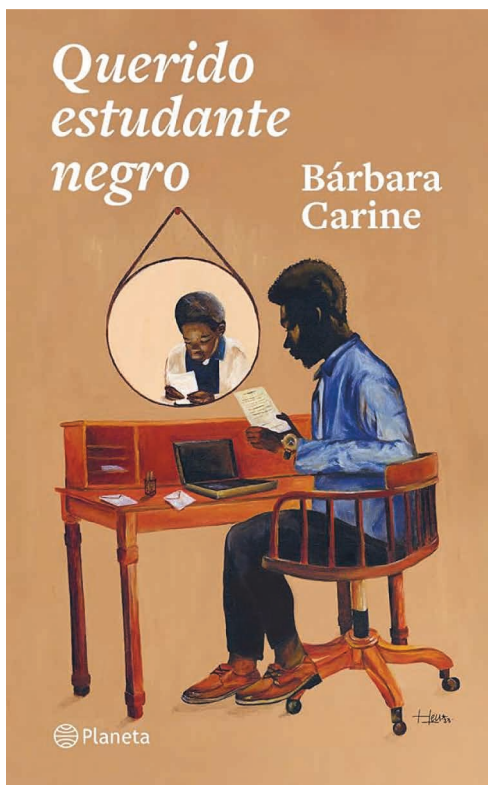
“[...] vai retratar esse estado de alerta e de necessidade de controle dos corpos negros escravizados e livres para tentar impedir que acontecesse aqui o mesmo que no Haiti: onde uma revolução avassaladora de libertação extinguiu a escravidão, devolvendo a violência aos seus produtores originais e, assim, assassinando milhares de brancos escravagistas e incendiando um sem número de plantações. Fazendo do Haiti o primeiro país a se libertar da escravidão, proclamando sua independência da - libertária, igualitária e fraterna - França escravagista em 1º de janeiro de 1804.”

**Lucas Daeni**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

## Querido estudante negro

Bárbara  
Carine



Disponível em:  
<https://www.planetadelivros.com.br/livro-querido-estudante-negro/389953>

### Querido estudante negro

Barbara Carine vai trazer no decorrer de sua narrativa uma indagação: como ser negro em um país tão racista como o Brasil e lidar com a ferida colonial aberta em nós? Dessa forma, através de histórias reais de sua vivência, mostra algumas histórias pessoais durante sua vida, desde a infância até à vida adulta e toda experiência formativa de sua identidade, tanto na sala de aula como também fora dela. Neste livro ela vai contar com outro protagonista que é “o querido estudante negro”, no qual abordam assuntos de racismo, preconceito e dificuldades que encontraram ao longo de suas trajetórias, nas quais a maioria das pessoas negras deste país sofrem ou já sofreram, pois o livro é para que todas as pessoas negras se sintam acolhidas, embora ainda vivam numa sociedade estruturalmente racista.

Com uma linguagem acessível e cativante, o livro possui uma leitura essencial para estudantes, educadores, pais e todos aqueles que buscam entender as camadas do racismo estrutural e o impacto que ele tem no percurso educacional de jovens negros no Brasil.

**Luana Souza**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*



### FILME



Disponível em:  
<https://www.netflix.com/title/80200047>

### O menino que descobriu o vento

É um filme que mostra a dificuldade encontrada pelo menino em meio a sua vida, onde foi forçado pelo seu pai a parar de estudar, para ajudar no sustento de sua família, mas mesmo não podendo ir à escola, nunca desistiu de estudar, principalmente quando ele se encontra na ciência, uma área que interessa muito ele. Interessa tanto, que ele construiu uma bobina para ajudar a água a chegar na plantação de sua família.

Em suma, o filme é de uma história de superação, onde o menino não queria parar de estudar, mas também uma história que decorre em meio às dificuldades. Além disso, é válido destacar que esse filme é baseado em uma história real.

**Cristiane Fernandes Costa**

*Bolsista PET Pedagogia/UFSC*

